

MACHADO DE ASSIS: UMA RELEITURA À LUZ DA TEORIA DA CARNAVALIZAÇÃO, DE BAKHTIN

Ana Maria Abrahão dos Santos Oliveira
Mestre em Literatura Brasileira e Teorias da Literatura/Universidade Federal
Fluminense
Grupo de Estudos Nação-narração/Universidade Federal Fluminense/CNPq

Resumo: Este artigo apresenta uma breve reflexão teórica sobre a concepção de carnavalização da literatura – de acordo com a teoria bakhtiniana – segundo a qual o carnaval, não sendo um fenômeno literário, mas um espetáculo ritualístico, pode ter seus conceitos transferidos, através de imagens sensoriais, para a literatura. Analisa o conto “Entre santos” (1998), de Machado de Assis, cujas características remetem a singularidades dos gêneros literários da Antigüidade clássica, como o sério-cômico, que está impregnado de uma profunda cosmovisão carnavalesca, fazendo com que o objeto elevado seja desmascarado, aterrissado, mostrando uma opção ideológica do autor.

Palavras-chave: Machado de Assis. Carnavalização. Representação literária. Teoria bakhtiniana.

Abstract: The article presents a brief theoretical reflection about the conception of carnivalization of the literature – according to the Bakhtin’s theory – it shows what the carnival isn’t a literary phenomenon, but it is a ritualistic spectacle. It may have its concepts removed, through of sensorial images, to the literature. The article analyses “Entre santos” (1998), Machado de Assis’ story, whose characteristics retake some peculiarities of the classic Antiquity’s literary genders, as the gender comic-serious. This gender is permeated by a profound cosmovision relative to carnival. So, the high object is unmasked, it’s touched down, showing a ideological posture of the writer.

Key words: Machado de Assis. Carnivalization. Literary Representation. Bakhtin's Theory.

Introdução: a literatura carnavalizada

O conto “Entre santos” (1996), de Machado de Assis, é uma aventura vivida por um padre já idoso que se surpreende ao presenciar santos sentados em seus altares, conversando abertamente sobre as promessas e a vida particular de seus devotos, o que, a nosso ver, constitui um exemplo de sátira menipéica, gênero que integra o campo sério-cômico e que é denominado, por Bakhtin (1997), literatura carnavalizada.

Esse tipo de literatura é, segundo o teórico russo, aquela que, direta ou indiretamente, através de diversos elos mediadores, têm profunda relação com as diferentes

modalidades do folclore carnavalesco (antigo ou medieval).

O carnaval opera uma inversão do mundo sério e oficial numa atmosfera de grande vitalidade e de transformação. Não é um fenômeno literário, mas sim uma forma sincrética de espetáculo ritualístico cuja linguagem de formas concreto-sensoriais simbólicas exprime uma cosmovisão carnavalesca única e complexa. Essa linguagem pode não ser adequada à linguagem verbal, entretanto, é possível fazer uma transferência de conceitos, através de imagens sensoriais; para a literatura, é a carnavalização da literatura.

Podemos dizer que a literatura carnavalizada é o destronamento do conceito platônico de cultura (cultura como sinônimo de obtenção do saber), criando assim, a concepção popular.

As raízes do carnaval, segundo teóricos e historiadores, estão situadas

na sociedade primitiva, mais precisamente a partir dos cultos agrários, quando se encenavam os ritos da fertilidade, o calendário lunar e outros ritos da natureza relacionados ao plantio e à colheita. Plantar, colher, transformar a colheita em alimento, em suma, usufruir do produto do trabalho celebrando a comunhão entre o homem conquistador e a natureza que vai sendo conquistada em um processo no qual o homem se universaliza na medida em que amplia seu domínio sobre o mundo que o cerca. E ele festeja, porque há muito já superou a fase da simples apropriação e agora pode simbolizar todo o processo em que a natureza, outrora inimiga, foi por ele domada e transformada em celeiro e lar. Antes ele aplicava todas as energias físicas na conquista da natureza, agora faz dessa conquista uma representação e assim dá um salto colossal em sua evolução, pois aprendeu a produzir em um campo bem mais complexo: o simbólico (BEZERRA, 1994, p. 1-2).

As festas de primavera dos agricultores e vinicultores gregos, que celebravam a colheita com enormes comilanças e bebedeiras, séquitos barulhentos e mostras de símbolos fálicos, motivando assim a inversão total dos atos do cotidiano, são associadas ao aparecimento das manifestações carnavalescas. As festas eram a segunda vida dos homens, que adentravam, por algum tempo, no reino da utopia da universalidade, da igualdade e da abundância.

Na Antigüidade clássica e também no Helenismo, surgiram e se desenvolveram vários

gêneros literários, cuja denominação foi dada pelos antigos como campo do sério-cômico, que se opunham aos gêneros sérios (elevados) como a epopéia, a tragédia, a retórica clássica e outras modalidades, em que havia profunda relação com o folclore carnavalesco. O diálogo socrático, os simpósios, a poesia bucólica e a sátira menipéia pertenciam ao gênero sério-cômico.

Todos esses gêneros estão imbuídos de uma cosmovisão carnavalesca, que penetra-lhes totalmente, fazendo assim com que a imagem e a palavra mantenham uma relação diferente com a realidade. Há um clima de relatividade na cosmovisão carnavalesca, em que há um forte elemento retórico; no entanto, este se modifica, gerando debilidade de sua seriedade retórica unilateral, de racionalidade, da univocidade e do dogmatismo.

Em todos os gêneros sério-cômicos, o objeto é o ponto de partida da interpretação e da formalização da realidade. Não há mais a distância épica ou trágica, em que o objeto de representação (séria e também cômica) é elevado, tendo grande familiaridade com os contemporâneos e não no passado absoluto e distante como na epopéia e na tragédia. Os gêneros do sério-cômico não se baseiam nas lendas e nos mitos, como o épico e o trágico; mas sim na experiência consciente e na livre fantasia, em que há um tratamento cínico e até mesmo desmascarador do objeto. Há uma pluralidade de estilos e uma multiplicidade de vozes, em que ocorre uma renúncia à unidade de estilo da retórica elevada e da lírica, pois existe uma pluritonalidade na narração. Conjugam-se o sublime e o vulgar, o alto e o baixo, o sério e o cômico.

A literatura carnalizada é um resgate da trajetória do gênero narrativo desde os seus primórdios, referindo-se aos gêneros menores (diálogo socrático e sátira menipéia), como antecedentes da prosa.

Não obstante a epopéia e a tragédia serem gêneros elevados, neste último, com o tragediógrafo Eurípedes foram introduzidos personagens como o parricida, o ladrão, a prostituta. Essa invasão das figuras do universo popular no trágico abre espaço para que surjam outros gêneros. Eurípedes “desmonta” o universo fechado da tragédia.

Para que a prosa surgisse, fez-se necessária uma “correção” no gênero elevado. Com a desintegração desse sistema, inicia-se a representação do homem do povo. Quando se

faz uma ponte que começa na *Ilíada* e na *Odisséia*, passando pela comédia, percebe-se que o cotidiano aparece cada vez mais nas obras. Na *Ilíada*, a narrativa girava em torno de um compromisso com a coletividade. Já na *Odisséia*, o interesse não é o mesmo; a narrativa desenvolve-se com o interesse de uma só pessoa. O mundo do narrador já se faz presente, os heróis tornam-se figuras palpáveis. Quando Ulisses (disfarçado de mendigo) briga com Iros, que também está nessa mesma condição social que ele, transforma-se numa figura cômica, torna-se objeto de riso daqueles que presenciam a cena. Ao travestir-se de pedinte, mostra a incapacidade do gênero (épico) para resolver conflitos. Com esse disfarce, Ulisses representa alguém que já existia historicamente em Ítaca – o pedinte. Autoparodia-se como herói, o que revela que começa a vigorar uma nova categoria de narrativa.

Gradativamente há uma aproximação de pólos distantes, uma dicotomia entre duas formas de cultura: a oficial (sistêmica), séria; e a popular do riso (assistêmica), anárquica. A segunda tem um papel fundamental porque aproxima as pessoas, permite que se toquem e conseqüentemente, tornem-se objeto de riso.

A teoria da carnavalização partiu da seriedade trágico-séria para a trágico-cômica. É uma proposta de leitura da História e, como tal, leitura da própria literatura. É um contraponto à visão de Platão. Para o filósofo, o antigo clã que personifica a grande família grega, inserido no universo da *polis*, cristaliza todas as grandes qualidades: bravura, honradez. Na concepção platônica, quem tem berço – a aristocracia – é que possui a sabedoria. A teoria da carnavalização é o destronamento desse conceito de cultura; cria a concepção de cultura popular.

1. As categorias carnavalescas inseridas na narrativa machadiana

As categorias carnavalescas são idéias concreto-sensoriais vivenciáveis e representáveis. A primeira é o livre contato entre os homens, em que acontece a participação ativa de todos; a vida é desviada do cotidiano, não havendo divisão entre atores e espectadores. Nesse mundo “às avessas”, os santos, personagens do conto em questão, conversam abertamente sobre o seu dia a dia.

As dimensões não eram as das próprias imagens, mas de homens. Falavam para o lado de cá, onde estão os altares de S. João Batista e S. Francisco de Sales. [...] Vi aí a mesma coisa: S. Francisco de Sales e S. João, descidos dos nichos, sentados nos altares e falando com os outros santos (ASSIS, 1998, v. 2, p. 309).

[...] e vi então que S. Francisco de Paula, o orago da igreja, fizera a mesma coisa que os outros e falava para eles, como eles falavam entre si (p. 310).

A excentricidade permite que o lado oculto da natureza humana se revele em forma concreto-sensorial. O homem pode expor em seu discurso o que não podia antes, por isso os santos, sentados em seus altares, falam sobre a vida particular de seus devotos.

Cada um notava alguma coisa. Todos eles, terríveis psicólogos, tinham penetrado a alma dos fiéis, e desfibravam os sentimentos de cada um, como os anatomistas escarpelam um cadáver. [...] Era assim, segundo o temperamento de cada um, que eles iam narrando e comentando (ASSIS, 1998, v. 2, p. 310).

A familiarização (*mésalliances* carnavalescas) é uma categoria em que os valores, as idéias, os fenômenos e as coisas combinam-se pela livre relação familiar. A conversação entre os santos acontece como um diálogo entre velhos conhecidos, todos acostumados a exercer o seu “ofício”.

- Francisco de Sales, digo-te que vou criando um sentimento singular em santo: começo a descrer dos homens.
- Exageras tudo, João Batista [...] Olha – ainda hoje aconteceu aqui uma coisa que me fez sorrir, e pode ser, entretanto, que te indignasse. Os homens não são piores do que eram em outros séculos; descontemos o que há neles ruim, e ficará muita coisa boa [...].
- Eu?
- Tu, João Batista, e tu também, Francisco de Paula, e todos vós haveis de sorrir comigo; e, pela minha parte, posso fazê-lo, pois já intercedi e alcancei do Senhor aquilo mesmo que me veio pedir esta pessoa.
- Que pessoa?
- **Uma pessoa mais interessante que o teu escrivão, José, e o teu lojista, Miguel...**” (ASSIS, 1998, v. 2, p. 311, grifo nosso).

A quarta e última categoria é a profanação, em que há sacrilégios gerados por um sistema de descidas e aterrissagens, paródias carnavalescas dos textos sagrados e bíblicos. Os santos, a quem os homens suplicam a intercessão junto a Deus em suas tribulações no mundo, comportam-se como pessoas comuns. O sagrado (pessoas

santificadas pela igreja) une-se ao profano (os santos conversam e falam da vida dos outros, sem a menor cerimônia, riem dos casos uns dos outros, como fazem os vivos).

[...] crescia o esforço do homem, e a confiança também; a palavra saía-lhe mais rápida, impetuosa, já falada, mil, mil, mil. Vamos lá, podeis rir à vontade, concluiu S. Francisco de Sales. E os outros santos riram efetivamente, não daquele riso descomposto dos deuses de Homero, quando viram o coxo Vulcano servir à mesa, mas de um riso modesto, tranqüilo, beato e católico (ASSIS, 1998, v. 2, p. 316).

São ações carnavalescas: a coroação bufa e o destronamento do rei do carnaval, a imagem ambivalente do fogo que, assim como o tempo, destrói e constrói e renova incessantemente, o riso carnavalesco, primordial, que vem do riso ritual que reage às crises (ridicularização do supremo, paródia sacra). No conto machadiano, os santos são representados como pessoas “indiscretas”, que comentam a vida dos outros e riem das súplicas de seus devotos.

O riso carnavalesco está relacionado às formas antigas do riso ritual. Na Antigüidade, ridicularizava-se o Sol, que era uma divindade, para que essa pudesse renascer.

[...] as formas do riso ritual estavam relacionadas com a morte e o renascimento, com o ato de produzir, com os símbolos da força produtiva. O riso ritual reagia às crises na vida do sol (solstícios), às crises na vida da divindade, na vida do universo e do homem (riso fúnebre). Nele se fundiam a ridicularização e o júbilo (BAKHTIN, 1997, p. 127).

Todos esses rituais carnavalescos foram transpostos para a literatura. As idéias concreto-sensoriais exerceram grande influência na formação dos gêneros literários.

A categoria livre familiarização do homem com o mundo

[...] refletiu-se substancialmente na organização dos enredos e nas situações de enredo, determinou a familiaridade específica da posição do autor em relação aos heróis (familiaridade impossível nos gêneros elevados), introduziu a lógica das *mésalliances* e das descidas profanadoras, exerceu poderosa influência transformadora sobre o próprio estilo verbal da literatura. Tudo isso se manifesta com muita nitidez na menipéia (BAKHTIN, 1997, p. 124).

2. A menipéia e o conto “Entre santos”

O conto “Entre santos” é um exemplo de sátira menipéia devido às características próprias desse tipo de gênero. A sátira menipéia deve seu nome a Menipo de Gádara (séc. II d. C), filósofo cínico, que quis destronar os deuses da mitologia, da epopéia e da tragédia. Colocou todos em pé de igualdade, afetando aqueles que tinham valor elevado, tirou do panteão indivíduos que eram importantes. Luciano de Samósata transformou-o em personagem em seu livro *Diálogo dos mortos* (1996), em que Menipo aparece como aquele que tem o poder de rir de todos. Assim, todas as principais figuras do mundo grego são rebaixadas e após a morte, toda a glória, todo o poder que possuíam em vida, caem por terra.

ÉACO – Esse aí é o Agamenon; aquele é Aquiles, e perto dele é o Idomeneu; o seguinte é o Odisseu, depois o Ájax e o Diomedes e os melhores dos gregos.

MENIPO – Caramba! Ei, Homero, que sumidades das tuas rapsódias estão jogadas por terra, irreconhecíveis e disformes! Tudo é poeira e muita conversa mole e cabeças inertes! (SAMÓSATA, 1999, p. 71).

Essa obra polêmica de Luciano ainda exerceu vasto e diverso influxo na escritura de autores em diferentes épocas e nacionalidades, como Dostoiévski (século XIX), na Rússia, chegando até o nosso Machado de Assis – não só em “Entre santos”, também no romance, *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1880), em que o narrador diz de forma presunçosa, fazendo um paralelo de sua obra com as Escrituras: “Moisés, que também contou a sua morte, não o pôs no intróito, mas no cabo: diferença radical entre este livro e o Pentateuco” (ASSIS, [s. d.], p. 13) –, nos contos “A igreja do diabo”: “Conta um velho manuscrito beneditino que o Diabo, em certo dia, teve a idéia de fundar uma igreja” (ASSIS, 1998, v. 2, p. 11); “Adão e Eva”: “Foi o Tinhoso que criou o mundo, mas Deus que lhe leu no pensamento, deixou-lhes as mãos livres, cuidando somente de corrigir ou atenuar a obra [...]” (ASSIS, 1998, v. 2, p. 275), também aqui narradores, cujo intuito é rebaixar o papel da Igreja como instituição de poder.

De acordo com a teoria bakhtiniana, a sátira menipéia apresenta algumas singularidades. A primeira peculiaridade é o aumento do peso específico do elemento cômico que pode

variari para mais ou para menos, dependendo do autor. No conto machadiano, entendemos que a presença do elemento cômico é grande.

[...] recolhi-me tarde, uma noite. Nunca me recolhi tarde que não fosse ver primeiro se as portas do templo estavam bem fechadas. Achei-as bem fechadas, mas lobriguei luz por baixo delas. [...] era fixa e igual, não andava de um lado para outro como seria a das velas [...] Ouvi também vozes, que ainda mais me atrapalharam, não cochichadas nem confusas, mas regulares, claras e tranqüilas, à maneira de conversação. [...] Como naquele tempo, os cadáveres eram sepultados nas igrejas, imaginei que a conversação podia ser de defuntos. Recuei espavorido [...] (ASSIS, 1998, v. 2, p. 308-309).

Outra característica é a excepcional liberdade filosófica e de invenção do enredo, sem compromisso algum com a verossimilhança.

A realidade ia dar-me coisa mais assombrosa que um diálogo de mortos. [...] Vi então uma coisa extraordinária. Dois ou três santos do outro lado, S. José e S. Miguel (à direita de quem entra na igreja pela porta da frente), tinham descido dos nichos e estavam sentados nos seus altares. As dimensões não eram as das próprias imagens, mas de homens. (ASSIS, 1998, v. 2, p. 309).

A fantasia torna-se mais audaciosa e desmedida. O fantástico assume caráter de aventura, muitas vezes simbólica ou místico-religiosa, como, por exemplo, em *Asno de ouro*, de Apuleio. Lúcio-asno, na sua condição (no corpo de um animal), consegue espiar e auscultar, às ocultas, os segredos dos homens. O padre, também às escondidas, pôde ouvir as confidências e as angústias mais íntimas dos paroquianos devotos, através da fala dos santos mencionados no conto machadiano. É uma saída que a literatura encontra para narrar a vida privada. “Compreendi, no fim de alguns instantes, que eles [os santos] inventariavam e comentavam as orações e implorações daquele dia. S. João Batista e S. Francisco de Paula, duros ascetas, mostravam-se às vezes enfadados e absolutos” (ASSIS, 1998, v. 2, p. 310).

A invenção e o fantástico se combinam com uma grande capacidade de ver o mundo. A sátira menipéica é o gênero das últimas questões, das palavras derradeiras e dos atos do ser humano em sua totalidade.

Pode ser, atalhou S. José, mas não há de ser mais interessante que a adúltera que aqui veio hoje prostrar-se a meus pés. Vinha pedir-me que lhe limpassse o

coração da lepra da luxúria. Brigara ontem mesmo com o namorado, que a injuriou torpemente, e passou a noite em lágrimas. De manhã, determinou abandoná-lo e veio buscar aqui a força precisa para sair das garras do demônio. Começou rezando bem, cordialmente; mas pouco a pouco vi que o pensamento a ia deixando para remontar aos primeiros deleites. [...] a alma que eu espiava cá de cima, essa já não estava aqui, estava com o outro. Afinal persignou-se, levantou-se e saiu sem pedir nada (ASSIS, 1998, v. 2, p. 311).

Há na sátira menipéia o que Bakhtin denomina experimentação moral e psicológica, a representação de insólitos estados psicológico-morais anormais do homem. Loucura, devaneio, sonhos extraordinários, paixões no limite da loucura, como no caso do devoto de S. Francisco de Sales – cujo nome também era Sales – que, na iminência da morte da mulher, chega ao desvario, mas sem deixar de ser mesquinho, pois quer transformar o número de orações em moeda de troca.

[...] usurário e avaro [...] usurário, como a vida, e avaro, como a morte. Ninguém extraiu nunca tão implacavelmente da algibeira dos outros o ouro, a prata, o papel, o cobre; ninguém os amou com mais zelo e prontidão. Moeda que lhe cai na mão dificilmente torna a sair; e tudo o que lhe sobra das casas mora dentro de um armário de ferro, fechado a sete chaves. Abre-o às vezes, por horas mortas, contempla o dinheiro alguns minutos, e fecha-o outra vez depressa [...] Sales teve uma idéia específica de usurário, a de prometer-me a perna de cera. [...] e logo a moeda que ela havia de custar. A perna desapareceu, mas ficou a moeda redonda, luzidia, amarela, [...] Aqui o demônio da avareza sugeria-lhe uma transação nova, uma troca de espécie [...] Que lhe salvasse a mulher, e prometia-me trezentos, - não menos, - trezentos padre-nossos e trezentas ave-marias [...] Foi subindo, chegou a quinhentos, a mil padre-nossos e mil ave-marias [...] E voltaram as palavras lacrimosas e trêmulas, as bentas chagas, os anjos do senhor... 1000 – 1000 – 1000. Os quatro algarismos foram crescendo tanto que encheram a igreja [...] (ASSIS, 1998, v. 2, p. 312; p. 314-316).

Considerações finais

O autor que carnaliza faz uma opção estética e ideológica. Machado de Assis faz duras críticas à sociedade de seu tempo¹ nessa narrativa, o que faz consolidar sua postura cética diante do panorama político do país. O conto “Entre santos” dessacraliza eminentes figuras de uma instituição poderosa, a Igreja católica. A narrativa ironiza a doutrina cristã, apontando suas falhas; porém, o faz sem escandalizar o leitor, que, à primeira vista, pode apenas atentar para a veia lúdica do narrador.

[...] S. João Batista e S. Francisco de Paula, duros ascetas [...]. Não era assim S. Francisco de Sales; esse ouvia ou contava coisas com a mesma indulgência que presidira ao seu famoso livro da Introdução à vida devota. [...] Tinham já contado casos de fé sincera e castiça, outros de indiferença, dissimulação e versatilidade; os dois ascetas estavam a mais e mais anojados, mas S. Francisco de Sales recordava-lhes o texto da Escritura: muitos são os chamados e poucos os escolhidos, [...]

– Ao menos tem alguma religião, ponderou S. José.

– *Alguma tem, mas vaga e econômica.* Não entrou nunca em irmandades e ordens terceiras, porque nelas se rouba o que pertence ao Senhor; é o que ele diz para conciliar a devoção com a algibeira. Mas não se pode ter tudo; é certo que ele teme a Deus e crê na doutrina (ASSIS, 1998, v. 2, p. 310-311; p. 314, grifo nosso).

A expressão bakhtiniana “riso reduzido” caracteriza a ironia machadiana.

Machado, ao que tudo indica, foi leitor de Luciano de Samósata, cuja obra, *Diálogo do mortos*, é um exemplo clássico do gênero sátira menipéia. O escritor utiliza esse gênero antigo para ser moderno, para ser um homem de seu tempo e atinge o seu objetivo.

Os santos, homens que já morreram, voltam à vida – morrer para renascer – para relatar as súplicas dos seus devotos, com ironia e sarcasmo. Tudo é dito sem temor. A partir do momento em que revivem, transmutam-se de personagens sagrados (céu) em personagens aterrissados (terra, chão).

Na sátira menipéia, elementos totalmente díspares combinam-se: elementos do diálogo filosófico, da aventura e do fantástico, do sagrado e do profano. O carnaval e a cosmovisão carnavalesca atuaram como elo solidificador que conciliou esses elementos tão incompatíveis para formar o gênero.

Na evolução posterior da literatura européia, a carnavalização ajudou constantemente a remover a barreira de toda a espécie de gêneros, entre os sistemas herméticos de pensamento, entre diferentes estilos, etc., destruindo toda a hermeticidade e o desconhecimento mútuo, aproximando os elementos distantes e unificando os dispersos. Nisso reside a grande função da carnavalização da história da literatura (BAKHTIN, 1997, p.134-135).

A sátira menipéia é um gênero que quer ver o objeto morto, sendo essencialmente negativo, desmascarador e corrosivo.

Machado de Assis, escritor que atravessou a sociedade brasileira – nasceu no fim da Regência (1839), num país iletrado que herdou o legado colonialista e escravista –, visto que, sendo mulato e de origem humilde, chegou ao mais alto patamar, foi um crítico mordaz das mazelas de seu tempo e de seu país e pode ser considerado o nosso maior escritor.

No centenário de comemoração de sua morte (2008), mais uma vez, registramos a marca ética da atualidade de sua ficção. Numa visão arguta, mostra-nos como sua forma literária é ousada, como sua lucidez social, seu atrevimento e despistamento andam juntos, e, nesse conjunto singular de características, fica patente a dominação de classe na sociedade brasileira, de cujos frutos a Igreja católica também se beneficiava. No conto “Entre santos”, o Bruxo do Cosme Velho, mais uma vez, com humor e sarcasmo, representa a desfaçatez da elite que comandava o país.

Referências:

ASSIS, Machado de. *Contos: uma antologia*. Seleção, introdução e notas de John Gledson. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. 2 v.

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Círculo do Livro, [s. d.].

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini et al. São Paulo: Hucitec/Annablume, 2002.

BEZERRA, Paulo. *O carnaval da crise*. Ensaio apresentado pelo autor no Curso de Pós-graduação: Carnaval e carnavalização na literatura. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2. semestre de 2003.

SAMÓSSATA, Luciano de. *Diálogo dos mortos*. Tradução de Henrique G. Murachco. São Paulo: Palas Athena/Edusp, 1999.

SCHWARZ, Roberto. *Machado de Assis. Um mestre na periferia do capitalismo*. 4. ed. São Paulo: Editora 34, 2000.

¹ Machado de Assis, em seu ensaio *Notícia atual da literatura brasileira – Instinto de Nacionalidade* (1873), assevera que “O que deve se exigir do escritor antes de tudo, é certo sentimento íntimo, que o torne homem de seu tempo e de seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço” (*apud* SCHWARZ, 2000, p. 17).